

# O adestramento do cavalo d'armas

Capitão HUGO M. BETHLEM

## A' GUIZA DE PREFA'CIO

1 — Ninguém **aprende** equitação, somente, lendo; mas, ninguém **progride** em equitação, sem ler. Se é verdade, que o cavalo constitue o primeiro e eterno livro do cavaleiro, sem as cartilhas dos mestres não é possível compreendê-lo, inteiramente. Hoje que os desbravadores da arte equestre, abrindo as portas do templo, permitiram aos leigos conhecê-la e, num extraordinário esforço e penosa dedicação, transmitiram à seus discípulos os mistérios que os impressionavam, chegou-se a verificar, que a equitação é uma arte com fundamentos científicos, que se explica, se ensina e se aprende, e que permite, ressaltar mais ainda, o valor do mais velho, leal e util amigo do homem.

Pode-se, hoje, falar em gerações de cavaleiros, que difundindo com segurança seus conhecimentos, colaboraram para aumentar o número, dos que admiram o cavalo e procuram torná-lo mais nobre e perfeito, contribuindo, indireta ou diretamente, no fomento da criação de bons equinos, de peso indiscutível na economia e defesa nacionais.

Ensinar equitação, passou a ser então, para quem sabe, um dever cívico, que cresce de importância, em nossa época, quando o cavalo, mais heróico que nunca, mais eficiente e sacrificado que em nenhuma outra fase de sua história, é também, mais anônimo, mais desconhecido e repudiado. Para a máquina, voltam-se os olhares e as atenções, enquanto milhares de corceis, fustigados pelas fadigas dos grandes lanços modernos, enchem com seus cadáveres os campos e as estradas que os exércitos percorrem em busca da vitória. Lá, jazem eles, confundindo seus corpos com os dos soldados, es-

quecidos e relegados, na sublime humildade de quem serve à pátria com a serenidade estóica de um dever cumprido.

Cada vez mais, é preciso saber utilizar o cavalo de guerra. Nós sentimos que sua época não passou e que seu patear ecôa nos teatros de batalha de todas as frentes do mundo: humilde entre os varais, violento sob os tirantes, soberbo sob o peso de seu cavaleiro, o cavalo é ainda, o animal de guerra mais indispensável ao guerreiro moderno.

Fragil, porem, em seu arcabouço gigante, é necessário tratá-lo, adestrá-lo e querê-lo, para tê-lo, sempre, no momento oportuno, apto a cumprir qualquer missão.

2 — Mas, como lhe maltratam ou lhe ignoram ! E' tão docil e sereno, que o primeiro a montá-lo, julga-se senhor de seus segredos e, admitindo-se cavaleiro emérito, doutrina com desembaraço e desassombro. Em torno de coisas simples, então, mil confusões se criam e, cavaleiros novos ou desistem de se aprofundar e contentam-se com resultados medíocres, ou praticam verdadeiros atentados que incapacitam suas montadas. Esquecem-se, em geral, que é impossível lutar contra o tempo e que o fator primordial do êxito de seus esforços reside em si mesmos; "só adestra quem está de posse das ajudas e, na conquista desta, o verdadeiro cavaleiro trabalha toda a sua vida". Posse das ajudas representa: fixidez absoluta, independência, fineza, sentimento. E' consequência de um tenaz e bem orientado trabalho diário, de flexionamentos, de atenção, de vontade de melhorar sempre e cada vez mais.

3 — Escrevemos essas notas, em caráter de fichas, para os oficiais do 5.º R.C.D. procurando sintetizar da forma mais clara, que permitiram nossas posses, o pensamento dos grandes mestres da Escola Francesa, cujo grande codificador foi o Gen. FAVEROT. Conteem, enxertos de nossa própria experiência, conquistada sob a orientação de consagrados cavaleiros nacionais. Foi escrita para ser lida e posta em prática por cavaleiros — oficiais — que já atingiram um adiantado progresso e, a custa de seus esforços próprios, já se sentem à vontade, quando, sem estribos, em qualquer andadura e

qualquer terreno, teem a certeza absoluta, de que suas mãos, independente das reações do movimento, não interferem involuntariamente, na boca de suas montadas. Conteem citações, de outros mestres como L'HOTTE, SALINS e SEVY e pensamos que representam o mínimo indispensavel, para que o cavaleiro adiantado adestre o seu cavalo d'armas de maneira racional.

4 — Tudo que aí está, foi sentido e aplicado. Talvez descubra alguns ensinamentos que só são oportunos ensinar, quando se tem a convicção de que os cavaleiros estão em condições de compreende-los, assim como, só se deve dar conhecimento aos jovens, do fenômeno sexual, à proporção que amadurecem; mas, da mesma forma, com que certos páis, sentindo que seus filhos aprendem erradamente, ao convívio das ruas, noções que deveriam receber puras para respeitá-las, resolvem abrir com franqueza, as portas do mistério, acreditamos tambem ser melhor, descerrar certos véos, mesmo arriscando-nos à incompreensão ou a infligir os temores de alguns mestres.

Que estes nos perdôem, se erramos. Que, ao menos, a melhor intenção, de dar novos recursos aos novos cavaleiros, em beneficio do ressurgimento do cavalo de guerra, nos penitencie, se incorremos no que criticamos: falar demais, doutrinatariamente, aumentando a confusão.

A esses mestres, a quem devemos o privilégio de ter compreendido "a maior conquista do homem", o nosso preito de gratidão. Abalanchando-nos a publicar notas sobre equitação, antes que muitos deles o façam, rendemos nossas homenagens a seus nomes, os quais são entre outros, que nos serviram de exemplo ou guia, — especialmente na Escola Militar e Curso Especial de Equitação, — os seguintes:

- OROMAR OSORIO;
- OSWALDO ROCHA;
- JOÃO FRANCO PONTES;
- OSWALDO BORBA;
- JOAQUIM CAMARINHA;
- MANOEL GARCIA DE SOUZA.

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 1

Assunto	Ensinamentos
<p>Fins do adestramento. Método. Subordinações impostas pelo tempo, cavalo e adeantamento do cavaleiro.</p>	<p>O adestramento do cavalo tem por fim, torná-lo fácil e agradável de montar, regular em suas andaduras, dócil, franco e também tão elegante, quanto comporte o seu conjunto. (Faverot). Para que seja fácil e agradável de montar, regular em suas andaduras, é preciso que seja bem equilibrado, isto é, leve na mão, <i>direito</i> de espaldas e de garupa, <i>calmo</i> e <i>para a frente</i>, (L'Hotte) (conservando por si mesmo o mais possível o seu equilíbrio, sem o recurso das ajudas). Ante nosso objetivo primordial, — o cavalo de guerra, — essas condições devem ser acrescidas da aptidão em atravessar qualquer terreno e em qualquer andadura. Essas finalidades obedecem rigorosamente a certos princípios básicos, imutáveis, qualquer que seja a utilização que se tem em vista do cavalo, e se subordinam, ao tempo mais ou menos longo de trabalho, em face do tipo, do sangue, da índole, da idade e do adeantamento do animal, assim como da maior ou menor <i>posse das ajudas</i> por parte do cavaleiro. Daí a necessidade, de seguir uma sequência, através um método: quanto ao cavalo — iniciação e adestramento propriamente dito; quanto ao cavaleiro, um treinamento intensivo para conseguir da melhor forma a necessária independência de ajudas — segredo da posse e do tato equestre.</p>
<p>Ajudas. Princípios. Posição e ação. Emprego das ajudas. Equilíbrio.</p>	<p>As ajudas são os elementos que servem de <i>linguagem</i> entre o cavaleiro e o cavalo. São elas, as rédeas, as pernas e o peso do corpo. Devido ao desenvolvimento mental do cavalo, precisam ser sempre empregadas de uma mesma forma, para um determinado efeito. Todas as ajudas são intermitentes e alternadas, nada valendo as ações bruscas, desordenadas, violentas ou inoportunas. Daí, os <i>princípios básicos a atender</i>. Quanto ao cavaleiro: — saber sempre o que quer antes de pedir; “partir do simples para o complexo”; “não castigar sobre o reflexo de um castigo anterior”; “lembrar sempre, que é mais provável ser</p>

o erro culpa sua que do animal". Quanto ao emprego no cavalo: "As ações de perna não contrariam as de mão (mão sem perna e perna sem mão); "as ações da perna, precedem e preparam as ações da mão"; "a ação de uma rédea não deve contrariar a da outra, quando muito regula"; "*a posição precede a ação*"; "quem comanda o movimento é o post-mão". Chama-se *ação* a força de impulsão provocada pelas ajudas e necessária para determinar um movimento pedido. Ela impõe a distensão das molas que suportam a massa. Chama-se *posição* a repartição normal do peso da massa, acrescido do peso do cavaleiro, sobre os 4 membros, tendo em vista o movimento pedido. (Faverot). Tem por consequência, dispor favoravelmente os raios articulares, predispondo o movimento pela justa repartição do peso. O *movimento*, assim, é fruto da posição e consequente ação. A passagem do movimento à inação se obtém também, partindo da posição que se impõe ao cavalo e que permite anular a ação. Pelo disposto a sequência das ajudas para se determinar ou anular o movimento, começa pela aplicação do peso do corpo que determina a posição, ação das pernas que indica o movimento e ação das mãos que o regula. Por estes três meios, em justa e coesa aplicação, o cavaleiro *impõe sua vontade* ao seu cavalo. Com as ajudas, o cavaleiro procura desde o início do trabalho, equilibrar sua montada. O *equilíbrio* consiste, na maior ou menor facilidade, com que o cavalo modifica a repartição de seu peso sobre os 4 membros, para tomar as diferentes posições que determinam as ações. Quanto mais perfeito o equilíbrio tanto mais fácil será o deslocamento do peso em todos os sentidos. Em virtude desse princípio, diz-se, que um cavalo está em equilíbrio, quando, simples indicações, bastam para o cavaleiro modificar, à sua vontade, a disposição do peso sobre as colunas de sustentação. Temos como certo que: *iniciar é conquistar o equilíbrio e adestrar é aperfeiçoar este equilíbrio.*

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Oficiais

Ficha n.

Assunto	Ensinamentos
Iniciação e adestramento.	<p>Em virtude das condições do cavalo, o método exige, que o trabalho desse, após a doma, comece pela <i>iniciação</i>. Nesta fase da educação do cavalo, que é geral é novo, o objetivo que se tem em vista é torná-lo conhecedor das ajudas, flexioná-lo através de ginástica metódica, familiarizá-lo com todos os ambientes, dar-lhe fôlego, resistência e músculos, e identificá-lo com os obstáculos naturais. (R. Eq.). Durante esse desenvolvimento, cujo tempo é fator das qualidades do cavalo e do cavaleiro, mas em média atinge um ano — o cavaleiro sem esquecer a condição básica — de que sua vontade deve sempre imperar sobre a do cavalo, — é o mais condescendente possível e, procura, sem ferir jamais os <i>princípios básicos</i>, conduzir o animal, a cumprir sem luta, suas determinações. À proporção que o adestramento surge e, que, ele vai compreendendo melhor as ajudas e demonstra maior submissão, as exigências vão gradualmente aumentando. De qualquer forma, porém, o cavaleiro desde o primeiro dia, tem em mira tornar o <i>mais possível</i>, seu cavalo <i>leve, calmo para a frente e direito</i>. Desde que, o animal é conhecedor das ajudas, que está musculando e ginasticado, habituado ao exterior e ao terreno variado, iniciado no obstáculo, ritmado em suas andaduras, resistente, dócil, calmo, começa o cavaleiro, a fase do adestramento. Ela se alcança sem transições, visto como, em face do aumento das exigências, que veio se processando gradualmente, o cavalo torna-se apto às maiores solicitações. Não há uma linha de separação como se julga. Pouco a pouco, o cavaleiro sente e verifica que seu cavalo, está pronto a receber uma maior intensidade de pedidos, para acelerar o aperfeiçoamento de sua forma. Desde este momento, quer visando o salto, o picadeiro, o exterior, ou qualquer outra utilização do cavalo, começa o adestramento, que se marca pelo ponto em que o cavaleiro inicia, <i>sem tergiversações a impor sua vontade à sua montada</i>. Daí em diante,</p>

então, esforça-se, cada dia, para melhorar a *leveza* e a estabilidade do balanceiro (ramener); para tornar cada vez mais completa a obediência às pernas (condição que impõe a calma); para mantê-lo sem esforço, direito de *espaldas* e de *garupa*. Preocupa-se em habituá-lo, desde cedo, a dispensar o recurso das ajudas, para se manter fluente e impulsionado, numa determinada andadura (descida de mãos e pernas); aperfeiçoa, dia a dia, a sua capacidade de engajamento da *garupa*, mantenedora da impulsão e da amplitude das andaduras (rassembler).

Conselhos para o êxito, durante a iniciação e o adestramento.

Fora de qualquer dúvida, é o fato, de que o cavaleiro novo, que ainda não possui suficiente independência de ajudas, não inicia um cavalo e, muito menos, o adestra. Importa, portanto, para um maior progresso na educação do cavalo, que o cavaleiro seja o mais adeantado possível, dispondo de uma perfeita posição que lhe permita a posse das ajudas, motivo da sensibilidade maior ou menor às reações do animal. Desta forma, o cavaleiro tem que procurar constantemente se aperfeiçoar, aprimorando sua fixidez, leveza de mão, observação do cavalo, energia e entusiasmo. O segredo do êxito, quer na iniciação, adestramento ou readestramento, reside nas primeiras lições, em que a justeza das ajudas firma um nítido entendimento entre o cavaleiro e sua montada; a forma decidida e serena porque o cavaleiro a comanda, influe em seu espírito, predispondo-a a uma franca submissão. E' no começo, da iniciação ou do adestramento, que o cavaleiro precisa ter maior paciência, conformando-se com pequenos resultados certos, não se emolgando com o meio ambiente, especialmente, os espectadores, quebrando a seqüência com demonstrações desordenadas e espalhafatosas, — não se impressionando com resultados de cavalos mais faceis e, aguardando, serena e seguramente, o momento em que o seu, conhecendo as ajudas, fará demonstrações muito mais perfeitas.

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 3

Assunto	Ensinamentos
Leveza. Ramener (colocação do balanceiro).	<p>Compreende-se por <i>leveza na mão</i>, a qualidade especial do cavalo, que obedece sem relutancia às ajudas, sem que a mão experimente a sensação de <i>um peso</i> mais ou menos difficil de deslocar, ou de <i>uma força</i> que resiste a sua ação (Feverot). A leveza se reconhece então, pela ausencia de resistências de peso e de força, aos efeitos da embocadura. (Idem). <i>A simples meia tensão de uma ou das duas rédeas</i>, deve provocar a mobilidade suave do maxilar inferior, sem que a cabeça se mova e sem que a abertura da boca se torne sensivelmente aparente; a lingua do animal deve fazer então saltar uma das embocaduras sobre a outra, produzindo por momentos um <i>ruido argentino</i>, além disso, é preciso, que esta mobilidade suave persista por um certo tempo e não cesse <i>bruscamente</i>. Tais são as condições cujo conjunto constitui a verdadeira leveza. E' para o cavaleiro o <i>indice</i> revelador e <i>infalivel</i> do equilibrio perfeito do cavalo, enquanto <i>subsistir sem alteração</i>. (Idem). E' preciso no entanto, não esquecer, que, se a verdadeira leveza só cabe à attitude anterior, — familiar ao cavalo adeantado de picadeiro, — a procura da leveza, ou melhor a preocupação em tornar o cavalo leve, deve vir desde os primeiros passos da iniciação. Importa mesmo frizar, que o próprio apoio, franco e decidido, do cavalo de iniciação sobre a mão do cavaleiro, deve ser sempre, o mais possivel, despido da sensação de peso ou força. Esse deve, com o desenvolver do trabalho, se tornar <i>gradualmente</i> leve, a ponto da sensação da boca se transmitir sempre, ante as sollicitações da mão, por um mascar franco e calmo. De fato, o cavaleiro precisa ter a preocupação, serena e constante, de procurar anular as resistências, ou atenuá-las o mais possivel, em qualquer cavalo e em qualquer fase do trabalho. Como dissemos acima, a <i>simples meia tensão das rédeas</i> (com mais ou menos intensidade), provocada pelo cerrar dos dedos (com mais ou menos energia), deve povocar a mobilidade suave do ma-</p>

xiliar inferior, *sem que a cabeça se mova e a abertura da boca se torne sensivelmente aparente. Esta posição, firme da cabeça, sustentada por si mesmo* pela estabilidade do pescoço, é o que chamamos *ramener* (colocação do balanceiro). É preciso firmar, que o *ramener*, que no cavalo adeantado de picadeiro, tem uma atitude definida, é, em qualquer grau de trabalho, *a posição fixa do balanceiro, que se sustenta por si mesmo*, em consequência da leveza, que é resultante da descontração do post-mão (engajamento). Assim lembremos sempre, que não é a imposição rígida das rédeas que determina a posição da cabeça, mas sim o engajamento, cuja prova é a descontração do maxilar; ou dizendo como Feverot — o *ramener, se obtém por si mesmo*.

Atentos aos *princípios básicos*, compreendemos a razão desta frase e, não esqueceremos nunca, que todas as atitudes do cavalo partem do post-mão para a frente, alcançando-se os diversos objetivos pelo racional e progressivo emprego das ajudas. Desta forma, a procura da leveza, desde o início do trabalho, exigindo uma grande atenção das pernas, predispõe o cavalo a uma perfeita colocação do balanceiro, que é qualquer, conforme o objetivo em vista, devendo ser no cavalo de iniciação e no de esporte, mais baixo do que alto. Volto a insistir, que as rédeas, não impõe pela rigidez da mão, o *ramener*, mas pedem a leveza. Esta por sua vez é fruto da posição que determinou a ação, estando o cavalo na frente das pernas (engajamento). Por conseguinte, deve ser preocupação constante do cavaleiro, manter sempre seu cavalo para a frente, calmo e ritimado em suas andaduras, procurando em todos os momentos a leveza, que lhe trará, em consequência, a posição e estabilidade do balanceiro.

Maxilar cedendo é sinal de descontração.

É axioma em equitação, que serve de base para compreensão do que acima se expôs, que o cavalo não pode contrair nenhuma das partes de seu corpo, para opor resistência, sem contrair o maxilar.

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 4

Assunto	Ensinamentos
<p>Como se pede a leveza. O valor do rompimento perfeito do equilíbrio para iniciar qualquer andadura. O erro das correções iniciais em marcha.</p>	<p>Indiscutivelmente, a experiência e o bom senso, têm demonstrado que o segredo do movimento reside, na perfeição da rutura do equilíbrio. Considerando o cavalo calmo, parado e direito, — a posição precedendo a ação — esta, que começa pelas pernas, incita o cavalo a se lançar para a frente; encontra, então a barreira formada pelas mãos, que cedendo, permitem o movimento para a frente, sobre o apoio, que deve ser o mais leve possível, em função do progresso do cavalo — Esta imobilidade em estação, porém, presuppõe uma completa descontração do animal, descontração essa que se verifica pela mobilidade do maxilar. “Nenhum cavalo consegue contrair parte alguma de seu corpo para opor resistências, sem contrair o maxilar”, sendo a recíproca verdadeira. Neste caso, sempre partir, após descontrair — nunca pedir absolutamente nada, com o cavalo contraído. Considerando como fundamental, que as pernas estão sempre coladas ao cavalo, para que, <i>vigilantes</i>, suas ações precedam as da mão, o cavaleiro, antes de iniciar qualquer movimento, pede a leveza. (E’ preciso também que ela se mantenha, gradualmente, em marcha). Num trabalho orientado, com objetivos definidos, mesmo durante a iniciação, após o primeiro desbastamento, em que o cavalo já compreende que a ação da perna determina o movimento e a da rédea o regula ou o anula, essa preocupação se justifica. “O cavaleiro procura sentir a boca do animal, dando gradualmente, meia-tensão às rédeas ou mesmo à uma delas, afim de verificar se o maxilar está suave e móvel. O cavalo deve responder descontaindo-o e movimentando a embocadura na boca”. (Faverot). Deve ser preocupação contínua e atenta do cavaleiro, ceder o mais depressa possível, <i>sem contudo precipitar esse gesto</i>. Esta mobilidade, demonstra, que o cavalo está em equilíbrio e apto a receber a posição e consequente ação, para iniciar qualquer movimento. Se a mão não encontra</p>

a leveza, no momento em que a meia tensão das rédeas se produz, continua a agir, aumentando gradualmente a intensidade. Nos cavalo novos, qualquer resultado, por mais insignificante que seja, deve satisfazer, *insistindo-se depois de recompensar*. A força lenta a que nos referimos, deve produzir a leveza. "*E' o meio normal para obte-la*". (Faverot). À qualquer resposta do cavalo a mão cede e, a perna, que já mantinha o contacto e a atenção, reunindo-o, determina o movimento para a frente. Se o trabalho foi bem executado, o cavalo parte, calmo na andadura solicitada, desde o primeiro passo, estirando, pelo alongamento suave do pescoço, *que se sustenta por si mesmo*, as rédeas das mãos do cavaleiro. E' absolutamente condenado, portanto, partir com o animal desorganizado, sob o pretexto ou esperança de regular a andadura em marcha. Nota-se, constantemente, que a linguagem das ajudas, por ser elementar, exige ser simples e sempre igual, o que determina a aplicação correta, desde a posição ao emprego das mesmas. O princípio de qualquer trabalho, exige paciência e persistência para se coroar de êxito, mas traz a compensação, de logo após o perfeito entendimento do cavalo, os resultados mais avançados e brilhantes chegarem de forma tão rápida, que até surpreende o cavaleiro novo. *Evitar sempre durante a iniciação e o princípio do adestramento, corrigir em marcha*. Para todo o erro retomar o alto, descontraír o cavalo e partir certo, mesmo que essa operação tenha que se repetir, centenas de vezes. Desde o primeiro passo, partir certo. *Antes deste passo não se conformar nunca, mas, após este, recompensar largamente*.

---

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiaes

Ficha n.º 5

Assunto	Ensinamentos
Das resistências. (peso e força).	<p>Devido a má distribuição do peso, sobre os raios articulares, o cavalo, durante o adestramento, apresenta duas resistências características: a de <i>peso</i> e a de <i>força</i>. Quando o cavaleiro após insistir, pacientemente, durante longo tempo, na meia tensão à procura da leveza, vê que o seu cavalo se conserva mudo e indiferente, é que há resistências maiores, fruto de fortes contrações, que necessitam de outros meios para ser vencidas. A resistência de peso (que nos cavalo novos e calmos é mais comum, pois o peso do cavaleiro desloca seu centro de gravidade para a frente), dá, ao cavaleiro, a sensação de suportar na mão o peso de uma massa inerte, difficil de deslocar. A resistência de força é a sensação, que o cavaleiro sente na mão — quando procura a leveza — de uma força que lhe puxa as rédeas, ou uma delas, provinda de contrações musculares do maxilar e dirigidas instintiva ou voluntariamente pelo cavalo, contra a ação da embocadura. Esta <i>resistência ativa</i> desperta a idéia de luta travada contra o cavaleiro, luta esta que o cavaleiro não deve nunca em princípio aceitar — vencendo-a com energia mas com serenidade. Combate-se a resistência de peso pela <i>meias paradas</i> e as de força pelas <i>vibrações</i>.</p>
Como se executam a meia-parada e a vibração.	<p>Para aplicar a <i>meia-parada</i>, estando montado, o cavaleiro, sem cessar o contacto das mãos com a boca do cavalo, e sem as aproximar de seu corpo, no princípio, cerra-as energicamente; os punhos assim fechados, giram vivamente, os dedos tão para cima quanto possível. (Compreende-se bem, que o movimento é assim de baixo para cima e de dentro para fora). Em seguida, as mãos aumentam, instantaneamente sua ação sobre a embocadura, elevando-se sem pancada, debaixo para cima e dá frente para traz. A potência desse efeito deve ser <i>proporcional à resistência encontrada</i>. (Faverot). A meia-parada se executa, indistintamente, com uma ou duas rédeas alter-</p>

nadas ou simultaneamente e sobre qualquer embocadura, e não *deverá nunca fazer recuar o cavalo*. A *vibração* é uma sucessão de pequenas sacudidelas, uma tremura imprimida a embocadura, seja com as duas rédeas ou com uma delas. Como a meia-parada, a *vibração* se pode dar sobre qualquer embocadura. Dura um ou vários segundos e será forte ou fraca, conforme a resistência encontrada. Nunca, porém, violenta ou em pancadas na boca do cavalo. *Não deverá variar de intensidade durante sua aplicação e não poderá, como a meia-parada, fazer recuar o cavalo.* (id.). Desta forma, se o cavaleiro encontrar uma resistência de peso emprega uma ou várias meias-paradas se necessário; se encontra resistência de força, o mesmo, quanto às vibrações. Logo que julgue anuladas as resistências, deve procurar sentir a boca do cavalo, pela *meia-tensão, meio normal de pedir a leveza*. A resposta certa do cavalo, é a prova do sucesso obtido. Se persiste mudo a essas solicitações, é que a operação foi mal feita, necessitando ser repetida cada vez com mais *delicadeza e tato*. Se o cavalo se agita, obter a imobilidade primeiro, o que se impõe à custa de meias-paradas, *proporcionais em energia*, à falta cometida. Logo que ele se entrega e faz alto, o cavaleiro calmo, procura compreender o que se passa com sua montada. *Note-se que as meias-paradas, tornam-se mais raras e menos violentas a proporção que o cavalo se entrega*. Obtida a imobilidade, retomar o ciclo normal da lição. Após um pequeno resultado, que se compensa e se insiste em seguida para obter a confirmação e gravar na memória do cavalo, é sempre conveniente, lançá-lo, franca e calmamente, para a frente numa trotada larga, mormente nos cavalos novos de iniciação, para predispô-lo, sempre, à marcha para a frente.

## 5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 6

Assunto	Ensinamentos
Decompor a força e o movimento.	<p>Como já dissemos, o segredo da andadura está no rompimento. Para partir certo, importa que o cavallo esteja imóvel e calmo. Insistimos que isto deve se verificar, mesmo com os cavalos novos de iniciação. É comum no entanto, pelas más condições de equilíbrio (má repartição do peso sobre os 4 membros), ou pela irritabilidade em não querer se deixar dominar (muitas vezes também fruto de coegas, dores, fraqueza), o cavallo se apresentar inquieto, quando se exige a imobilidade, ou se lançar para a frente e para os lados, pesando sobre a mão, numa ação passiva. O primeiro dos aspectos que se reflete quasi sempre em resistências de força, são punidos com as vibrações, acompanhadas de meias paradas se for o caso, e o segundo aspecto, quasi sempre apresentando resistência de peso, pelas meias-paradas; ambas applicadas da forma porque foram expostas em ficha anterior, preocupado o cavaleiro com a delicadeza e o tato, na execução. É absolutamente condenada qualquer idéia de luta, ou irritabilidade por parte do cavaleiro, <i>que precisa se convencer</i>, e o fará — pela experiência em diversos cavalos, — que este, é o único processo, capaz de impor ao animal a sua vontade obtendo a docilidade. Obtido o alto calmo, imóvel, o cavaleiro, pelo processo já descrito, pede o movimento. Se parte mal, se precipita-se, erra, endurece o maxilar, levanta a cabeça, coloca-se atraz do apoio, atravessa-se, apresenta resistências: <i>imediatamente alto, descontraír, partir</i>. E só partir de novo depois de calmo e imóvel. Que se repita a operação centenas de vezes, <i>mas só partir certo</i>. Durante o movimento, qualquer variação da atitude que atente contra o que se deseja, <i>novamente, alto, descontraír, partir</i>. É a isto que chamamos, em breves palavras, <i>decompor a força e o movimento</i>. (Faverot).</p>

Correções em marcha. Notícias sobre impulsão.

As correções em marcha só se iniciam, quando o cavalo já atingiu um grande adiantamento e sem se desorganizar, compreende a correção. Se a leveza desaparece em movimento, é fruto de uma resistência. Pela mesma sequência, de meia-tensão, vibração ou meia-parada, conforme a resistência, o cavaleiro procura retomá-la, conservando ou voltando ao equilíbrio anterior. No entanto, nunca podem determinar a *quebra da impulsão e modificar o ritmo da andadura*. Pelo contrário, a impulsão que se mede pela fluência e brilho das andaduras, quando em marcha, *porque ela é a reunião de forças sob a massa*, determinando os movimentos francos e enérgicos do cavalo, tende a se modificar, desaparecendo, quando desaparece a leveza. (De passagem se diga, que a impulsão, é resultante de maior ou menor engajamento dos posteriores, por determinação do cavaleiro). Assim, lembrando sempre, que as ações de perna precedem as de mão, as pernas procuram, reunindo o cavalo, mantê-lo no mesmo brilho, enquanto as mãos, solicitam o corretivo necessário, em face do desaparecimento da leveza, *índice imediato* de qualquer alteração da atitude do cavalo. Nota-se vulgarmente, que nos cavalos de iniciação e de esporte, os cavaleiros, no interesse de familiarizá-los o mais possível com a vontade franca de andarem para a frente, procuram quasi sempre corrigi-los em marcha, fazendo com que eles se apoiem à custa de meias-paradas, que lhes determinarão, também, a regularidade das andaduras. Mas nota-se igualmente que não são cavalos inteiramente dominados nem impulsionados; são cavalos que andam para a frente, num equilíbrio instavel sobre as espaldas, atendendo às ações da mão com uma certa brutalidade e pesados às ações da perna. Muito embora, haja necessidade nesses cavalos, quando se tem em vista, objetivos muito próximos, de ir desbordando as dificuldades e procurando mante-los calmos e doces nas andaduras e afeitos ao obstáculo, forçoso é convir, que nunca estarão perfeitos e, o cavaleiro mais adeantado, que tem responsabilidades em apresentar seu cavalo, tem que partir desses princípios, únicos capazes, de lhe entregar inteiramente em suas mãos o seu cavalo.

(Continua no próximo número)